

História & Historiografia

Notícias de Blumenau: Cartas dos irmãos Weise publicadas nos jornais da Turíngia

TEXTO:

DÉBORA
BENDOCCHI
ALVES*



Com a emigração em massa que ocorreu nos Estados Alemães, durante o século XIX, surgiram vários jornais especializados no tema, mas excepcionando-se o “*Deutsche Auswanderer-Zeitung*” de Bremen, publicado de 1852 a 1875 e o “*Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*” de Rudolstadt, fundado por Günther Fröbel e publicado entre 1846/47 e 1871, os demais tiveram curta duração.

O “*Deutsche Auswanderer-Zeitung*”, o jornal de Bremen, estava a serviço do seu importante porto, pois o comércio transatlântico, durante o século passado, dependia do transporte de emigrantes sobretudo para os Estados Unidos. Este não foi o caso do jornal “*Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*”, publicado na pequena cidade de Rudolstadt, na Turíngia, que não dependia economicamente de qualquer porto, nem se encontrava na rota de passagem dos emigrantes. Rudolstadt localizava-se numa região pobre, que sofria muito com as mudanças econômicas e sociais, que afetaram os Estados Alemães no século XIX. Este jornal, considerado o mais importante no gênero, foi publicado durante 30 anos, sendo distribuído não só nas principais cidades alemãs como também em Londres, Paris, Zurique, Moscou, Viena, Nova York etc.¹ De início, sua publicação era semanal, passando logo a três tiragens por semana. Era o melhor veículo de informação que havia para os interessados em emigrar, pois publicava artigos sobre os vários países receptores, os nomes dos navios, os preços das passagens, os dias de embarque, as leis alemãs e as dos países de destino em relação à emigração, resenhas de livros especializados, o

* Dra. em História pela Universidade de Köln – Alemanha e professora do Curso de História do Brasil na Universidade de Köln.

¹ A importância deste jornal é bem analisada por Rudolf Ruhe, *Die "Allgemeine Auswanderungs-Zeitung" - ein Presseerzeugnis des 19. Jahrhundert aus Rudolstadt*. Rudolstädter Heimathefte, 22. Jg., 1964, p. 65-69.

valor das moedas e o alojamento nos portos. Além dessas informações, publicava também as cartas dos emigrantes que já estavam estabelecidos no Brasil. Assim, o emigrante, mesmo de uma pequena aldeia no interior da Alemanha, tinha todas as coordenadas necessárias para, saindo de sua região, chegar a um porto europeu com sua passagem comprada numa das diversas agências de emigração e com um conhecimento básico de sua futura pátria.

Para a história da emigração alemã para o Brasil, o “Allgemeine Auswanderungs-Zeitung” é uma fonte riquíssima, não só pelas informações acima citadas, como também por ter tido durante muitos anos, como colaboradores Hermann Blumenau, Fritz Müller e Friedrich Gerstäcker, homens que conheciam bem o país e que, como no caso de Hermann Blumenau, se dedicavam com afinco a essa questão. Günther Fröbel, fundador do “Allgemeine Auswanderungs-Zeitung” e agente de emigração, manteve com Hermann Blumenau uma correspondência intensa, durante 20 anos, e ambos compartilhavam da mesma ideologia em relação à emigração. Defendiam-na como uma solução para os problemas sócio-econômicos que assolavam os Estados Alemães e acreditavam que o Brasil era capaz de suprir as necessidades dos alemães. Fröbel também foi responsável pela publicação de vários livros, escritos por Hermann Blumenau, sobre a sua colônia e a colonização em Santa Catarina.²

Além do “Allgemeine Auswanderungs-Zeitung”, Fröbel passou a editar a partir de 1855 o “Der Pilot – Unterhaltendes Wochenblatt zur Allgemeine Auswanderungs-Zeitung”, um tipo de folhetim que foi mantido até o ano de 1864. Ele estava tão envolvido com sua missão de informar e guiar os seus conterrâneos mais pobres que, em meados do ano de 1852, passou a editar ainda o “Fliegenden Blätter für Auswanderer”, um panfleto de no máximo duas páginas, gratuito, que oferecia informações curtas e atuais, destinado aos desprovidos de recursos. Foram publicados entre 12 ou 14 números desses panfletos, todos no ano de 1852.³ Esses periódicos, especializados em emigração, estavam interligados, mas cada um tinha um objetivo específico: o “Allgemeine Auswanderungs-Zeitung” não deveria só informar, mas tratar dos vários aspectos

² Blumenau, H.: *Südbrasilien in seinen Beziehungen zur deutschen Auswanderung und Kolonisation. Abgerissene Nachrichten, Bemerkungen u. Winke, besonders für Auswanderer*. Rudolstadt, 1850; *Leitende Anweisungen für Auswanderer nach der Provinz Santa Catharina in Südbrasilien*. Rudolstadt, 1851; *Deutsche Kolonie Blumenau in der Provinz Santa Catharina in Südbrasilien. Bericht bis Juni 1855 und Aufforderung zum Anschluß. Nebst Bemerkungen über deutschbrasilianische Kolonisation im allgemeinen, Beschreibung des Itajaytales und einer Karte*. Rudolstadt, 1856.

³ Sobre o “Fliegenden Blätter...” ver Rudolf Ruhe: *Zur Geschichte der überseeischen Auswanderung aus der Oberherrschaft des ehemaligen Fürstentums Schwarzburg-Rudolstadt im 19. Jahrhundert*. Rudolstädter Heimatheft, 4. Jg. 1958, p.244-251.

tos que o tema abrangia; o “*Fliegenden Blätter...*” dava informações sobre as viagens marítimas mais baratas e sobre o sistema de parceria nas fazendas de café, em São Paulo e no Rio de Janeiro, pois este sistema de trabalho, além de subvencionar a viagem, não exigia qualquer investimento prévio dos colonos; o “*Der Pilot*” publicava uma maior quantidade de cartas dos emigrantes, poesias, pequenos comunicados e anúncios pertinentes à emigração.

Entre as várias cartas, que saíram durante as décadas de 1850 e 1860 nos jornais de Günther Fröbel, encontramos no “*Der Pilot*” as dos irmãos Weise publicadas na segunda metade do ano de 1857. São cinco cartas assinadas ora por Joh.Georg Heinrich Weise ora por Friedrich Ernst Weise, publicadas entre julho e agosto de 1857, mas escritas entre setembro de 1855 e outubro de 1856. Não sabemos praticamente nada a respeito dos irmãos Weise a não ser que eram provenientes de Wittmannsgereuth nos arredores de Saalfeld e que endereçaram as suas cartas ao cunhado Christoph Weise, residente em Bechstedt perto de Königsee. Através das cartas, ficamos sabendo que Friedrich Ernst Weise emigrou primeiro e que Georg Heinrich Weise só mais tarde se juntou ao irmão na colônia Blumenau.

As cartas dos emigrantes, publicadas nesses jornais especializados, eram usadas como veículo de propaganda para incentivar os alemães a emigrarem para um determinado país. Essas cartas gozavam da confiança dos leitores, pois eram consideradas testemunhas de experiências vividas que não mascaravam outros interesses. Tinham o caráter de uma carta pessoal, em que o emigrante escreve aos seus familiares e amigos narrando, além dos fatos ocorridos, as suas impressões sobre o novo país adotado por ele. Este, podia até desejar que os seus parentes também emigrassem e que viessem a ele se juntar, mas não esperavam extrair disso, vantagens financeiras no que diferia dos artigos propagandísticos enviados aos jornais pelas companhias de navegação ou colonização.⁴ O conteúdo das cartas era expresso na linguagem simples dos camponeses e artesãos, e era transmitido oralmente entre os membros da comunidade.

As cartas publicadas, devem ser tratadas pelos historiadores, de forma diversa das não-publicadas, já que a sua autenticidade e integridade são discutíveis, pois serviam ao objetivo de arregimentar emigrantes para um determinado país. É bem possível que um editor, como Günther Fröbel por exemplo, tenha, em relação ao Brasil, selecionado aquelas cartas que estavam de acordo com os seus ideais e que tenha excluído trechos que podiam prejudicar a imagem do

⁴ Sobre esses artigos propagandísticos, ver Débora Bendocchi Alves: *Das Brasilienbild der deutschen Auswanderungswerbung im 19. Jahrhundert*. Berlin, Wissenschaftlicher Verlag Berlin, 2000.

país. Pode até ser que ele tenha sido pago, por fazendeiros, para inserir somente aquelas que elogiassem o sistema de parceria ou mesmo, que os próprios colonos tenham sido obrigados, pelos cafeicultores, a redigir o que lhes era ditado. Entretanto, essas cartas davam informações importantes sobre a emigração alemã e transmitiam para os seus destinatários uma impressão do país de cunho pessoal. Mas, a partir do momento em que eram publicadas, passavam a ser de domínio público, desempenhando o papel de incentivar um grande número de pessoas a emigrar, através da construção de uma determinada imagem do país de destino. As cartas dos irmãos Weise, ricas em informações, devem ser lidas dentro desta perspectiva, isto é, a de uma estratégia de propaganda para a colônia Blumenau.

Em geral, as cartas não se referiam à viagem marítima, pois os leitores estavam interessados em saber mais de como era a vida nas colônias. Daí a carta dos irmãos Weise ser de grande importância, pois relata alguns episódios ocorridos durante a travessia:

“... Logo durante o embarque no navio “Comet” de Oldenburg, do capitão Wilken, no dia 21 de maio (1855) houve desordem. Na entrecoberta do navio havia tantas caixas e tão pouco espaço para as pessoas, que a polícia portuária teve que intervir. Ela mesma afixou uma lista devido às reclamações sobre a má alimentação que foi arrancada pelo segundo timoneiro no dia seguinte quando o navio partiu. Tratados com má alimentação e muita grosseria, quase não conseguimos chegar com vida ao Brasil e eu quero portanto advertir a todos para não viajarem com o navio “Comet”, capitão Wilken, que deveria ser um navio à vela rápido, mas que na sua última viagem – 14 semanas para a América do Norte - veio provar o contrário. Enfim, no dia 2 de agosto chegamos à cidade de São Francisco e dois dias mais tarde à Dona Francisca. Depois de 14 dias, um carro de Itajahy apanhou as nossas caixas e nós fomos a pé para a colônia Blumenau. Durante a viagem, tivemos muitas vezes que nos hospedar nas casas de brasileiros, que não conseguíamos entender mas que nos acolheram muito bem. Chegamos no dia 23 de agosto.” (Ernst Friedrich Weise, “Der Pilot”, Nr. 30, 28 de julho de 1857)

Na nota de roda pé, o redator do “Der Pilot” explica aos leitores que a má alimentação não é da responsabilidade do capitão, mas sim do expedidor e que ele, editor, havia sido informado da mudança do capitão do navio “Comet”.

Todas as cartas dos imigrantes fazem menção ao clima do Brasil, já que a idéia corrente na Alemanha era de que o clima tropical não era propício aos europeus do norte. Friedrich Ernst esclarece ao seu cunhado, na sua segunda carta, datada de 10 de setembro de 1855:

“Os primeiros tempos na floresta não passam sempre como se desejaria. Não há todavia problema com o calor; acostuma-se logo. Perde-se um pouco da cor rosada, mas que volta. Isto se deve à alimentação, pois não se está acostumado com as frutas do sul.” (“Der Pilot”, Nr. 31, 4 de agosto de 1857)

Outro tema, caro aos colonos, era o da fartura de alimentos. Enfatizavam que no Brasil havia comida à vontade, que era permitido caçar nas florestas, além da facilidade da criação de animais e das colheitas abundantes e numerosas.

Segundo Georg Heinrich:

“Não há falta de carne; carne selvagem há em abundância. Um pouco antes da minha chegada meu irmão caçou uma onça e capturou uma segunda numa armadilha na floresta. Ele também mata várias galinhas por dia.” (“Der Pilot”, Nr. 30, 28 de julho de 1857).

Em relação à alimentação Ernst Weise explica:

“Os nossos gêneros alimentícios não são muito diferentes dos da Alemanha; a diferença consiste principalmente no pão. Em clima quente não dá nenhum grão, por isso temos apenas pão branco que é feito a cada dois dias. Em contrapartida, temos muito mais carne do que vocês, visto que há suficientemente gado, sobretudo porcos que não dão muito trabalho. Se se tem pasto suficiente, então ele precisa de pouca ração e mesmo assim crescem melhor do que os daí.” (“Der Pilot”, Nr. 32, 11 de agosto de 1857).

Nas cartas publicadas, notamos que os imigrantes referem-se pouco aos brasileiros. Reclamavam, algumas vezes, do governo, das instituições ou ainda de algum fazendeiro de café, mas a impressão que se tem ao lê-las é que havia um contato muito pequeno com a população brasileira. As poucas passagens tratando da população local, tem um papel secundário nesses relatos que pouco se concentram na descrição do ser humano e das relações sociais. Quando muito, citam outros alemães, na maioria dos casos, provenientes da mesma região. Friedrich Weise é um dos poucos colonos a mencionar, em carta de 1855, a existência dos índios.

“... Também os índios não podem suportar bem o estampido das espingardas alemãs de dois canos e o assobio das balas cônicas. Julgando que os alemães fugiriam deles do mesmo modo que os brasileiros e que lhes cederiam voluntariamente tudo, atacaram um lugar onde havia só dois homens em casa, mas tiveram que deixar alguns mortos estendidos na praça, jogaram fora todos os seus arcos e flechas e saíram correndo de lá. Mais tarde pode talvez ocorrer

um encontro de fato; mas isto não tem importância para os muitos alemães que moram aqui em volta.” (“Der Pilot”, Nr. 31, 4 de agosto de 1857).

Nesta carta, evidenciam-se os conflitos de terra entre as comunidades indígenas da região e a nova comunidade dos imigrantes alemães que surgia. O governo brasileiro nunca respeitou as terras indígenas e achava que a presença dos europeus bastaria para expulsá-los da região. Vários conflitos ocorreram entre os dois grupos, não só no Vale do Itajaí mas em toda a área de colonização e os colonos, como os demais europeus e brasileiros, trataram os índios com hostilidade e brutalidade.⁵ A região da colônia Blumenau sofreu, entre 1852 e 1883, no mínimo, 11 ataques de índios. O próprio Hermann Blumenau relata numa de suas cartas, uma incursão ocorrida em janeiro de 1855 que resultou na morte de dois colonos recém-chegados à Blumenau (Carta de 1856, Museu Imperial, Petrópolis).⁶ A carta de Friedrich Weise é de 1855 e é possível que relate o mesmo episódio da carta do Dr. Blumenau. Mas Weise não deixa claro a morte dos dois colonos, dando a entender que só os índios foram mortos. Assim, criticando o comportamento dos brasileiros com relação aos índios, acentua não só a coragem dos alemães como também a decisão de lutar pelo que achavam que lhes pertencia, coisa que, no seu ponto de vista, os brasileiros não o faziam. De outro lado, como essas cartas, publicadas pelos jornais, visavam incentivar a vinda de mais alemães para o Brasil, não deveriam amedrontar os interessados.

Sobre a enchente ocorrida em Blumenau em novembro de 1855, Ernst Weise relata, na sua carta de 24 de maio de 1856 e publicada no “Der Pilot”, N.º. 32, em 11 de agosto de 1857, o seguinte:

“No dia 17 de novembro começou a chover tão forte que, na tarde seguinte, o nível normal da água já havia ultrapassado 34 pés e dos lados da cidade ressoavam até aqui, tiros de alarme e de perigo. Duas horas mais tarde, a água nos levou casa e terreiro. Perdemos entre outras coisas, um estoque de milho no valor de 200 mil réis, e na horta o lodo atingiu a altura de 2 pés. Felizmente havia uma dependência, a 20 pés de altura, onde deveria ser instalada uma máquina de mandioca. Lá pudemos salvar algumas coisas até que a água nos impediu a passagem. As colônias mais atingidas foram as localizadas perto das margens do Itajaí. Acreditava-se que essa desgraça fosse ser mais sentida pelos diaristas que precisavam comprar de tudo; mas ao contrário, quanto mais caro

⁵ Toni Vidal Jochen, *A Epopéia de uma Imigração*, S.C., Ed. do Autor, 1997, p.173, trata bem a questão do elemento indígena nas áreas de colonização em Santa Catarina

⁶ Fouquet, Karl: Vida e Obra do Dr. Blumenau - Ensaio Biográfico. Blumenau em Cadernos. Tomo XL - N. 10, Outubro 1999; p. 56-59

custam os alimentos, mais altos são os salários e os artesãos sempre têm as maiores vantagens nas mãos e ainda por cima, querem ser muito bem tratados.”

Ernst Weise, nesta mesma carta, comenta ainda que, como os navios que transportavam emigrantes passaram a ir direto até às proximidades de Blumenau e isto, conseqüentemente, elevaria o número de alemães, isto é, de mão-de-obra, os salários acabariam tendo que baixar. Este comentário sobre o aumento dos preços, tanto dos gêneros alimentícios quanto da mão-de-obra, é bastante significativo. Blumenau deixou um relato triste sobre esta enchente, que trouxe inúmeros danos à colônia e grande prejuízo aos seus habitantes e a ele próprio, que foi obrigado a perdoar os juros das dívidas dos colonos.⁷ Mas Blumenau, diferentemente de Weise, se atém mais às perdas causadas pela mészente. Weise, por sua vez, está mais preocupado com as conseqüências econômicas tão prejudiciais aos colonos. Numa observação posterior no final da carta de 24 de outubro de 1856 (*Der Pilot*, N.º. 33, 18 de agosto de 1857), Ernst Weise expõe, em moeda alemã, os preços de vários produtos após a mészente, dando a possibilidade ao seu cunhado e a qualquer leitor de compará-los com os da sua região.

Há uma pequena carta de Georg Heinrich Weise, (talvez seja só um trecho da carta) que dá informações interessantes sobre a situação de seu irmão na colônia Blumenau:

“... meu irmão passou a ser arrendatário na propriedade do Senhor Dr. Blumenau, onde até o presente, tinha trabalhado como diarista, recebendo nessa ocasião, uma grande criação de gado mais uma fábrica de açúcar e uma destilaria de aguardente. No primeiro meio ano eu trabalhei com meu irmão, depois, 5 meses numa serraria; agora estou novamente com o meu irmão, como administrador das suas terras arrendadas e da sua colônia.” (*Der Pilot*, N.º. 32, 11 de agosto de 1857)

No próximo número do *Der Pilot*, (n.º. 33, 18 de agosto de 1857) uma carta de Friedrich Ernst Weise explica melhor a sua situação e a sua relação de trabalho com o Dr. Blumenau:

“Das linhas escritas pelo meu irmão, vocês ficaram sabendo que nós agora possuímos dois estabelecimentos agrícolas. A propriedade arrendada do Dr. Blumenau, que é a maior nesta colônia e as minhas terras que também não são pequenas. Justamente porque eu mesmo já tenho terra suficiente, não teria a necessidade de arrendar mais nenhuma. Mas o Dr. Blumenau não fez de outra

⁷ Fouquet. op. cit.

maneira; fiquei surpreso em ouvir dele próprio que eu era o único na colônia que ele havia aprovado como agricultor. Ele deseja ver as suas terras organizadas por mim conforme os costumes alemães. Ele me ofereceu um contrato muito vantajoso, sem exigir fiança, enquanto que, muitos outros que se candidataram e que queriam pagar a caução, nem foram levados em consideração. No primeiro ano não pagarei nada e, mais tarde, bem pouco pelo arrendamento, embora seja a criação de gado tão significativa que eu ainda não saiba quantas cabeças há no pasto e embora a refinaria de açúcar e a destilaria de aguardente tenham sido deixadas em boníssimas condições.

Em breve farei uma experiência, a de trabalhar com o arado e o arado de ulete isto terei, certamente, muitos espectadores, pois isso é aqui uma coisa bem nova. O Sr. Dr. Blumenau mandou vir o arado da Alemanha.”

Esta informação dada por Friedrich Weise sobre o arrendamento das terras de Hermann Blumenau é de extrema importância pois, raramente encontramos relatos que tratam deste assunto, isto é, da propriedade do fundador e administrador da colônia.

A personalidade dos autores, o seu nível escolar e a sua experiência pessoal influenciaram no conteúdo das cartas que por sua vez, influenciaram na visão que se tinha do novo país, ou melhor, do Brasil para o imigrante. Apesar da função que desempenhavam como incentivo ou propaganda para a emigração, de terem talvez sofrido algum tipo de ‘censura’, eram e são a voz das classes sociais inferiores alemãs no Brasil ou, de um outro ponto de vista, a voz do imigrante, a dos atores históricos do fenômeno “migração”. Para os historiadores essas cartas, além de revelarem a imagem do Brasil para os emigrantes alemães na segunda metade do século XIX, podem ser usadas como fonte para a reconstrução da história do cotidiano dos colonos. Não deve ser descartada a possibilidade de virem a contribuir para a história de algumas famílias provenientes da Turíngia, além de proporcionar uma leitura agradável a qualquer leitor.